

Mundo Presidente dos EUA em Luanda para visita oficial

Biden prevê um “relacionamento sólido e duradouro” com Angola

João Lourenço manifestou ao seu homólogo norte-americano o desejo de “ver incrementada a cooperação no sector da defesa e segurança” entre os dois países, com Angola como aliado militar dos EUA em África

António Rodrigues

A mensagem do Presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, não podia ser mais clara – os EUA estão “completamente empenhados em África” e o sinal disso são os mais de três mil milhões de dólares que o país já investiu em Angola. Por isso, sublinhou Biden, em Luanda, numa mensagem para descansar o seu anfitrião, o Presidente angolano, João Lourenço, os investidores, os financiadores e todos aqueles que possam estar a questionar se Donald Trump, quando assumir a presidência dos EUA em Janeiro, não irá virar as costas a Angola e a África e esquecer os passos do seu antecessor: “Anteveja um relacionamento sólido e duradouro.”

“O futuro do mundo está aqui em África”, por isso, disse o chefe de Estado norte-americano dirigindo-se ao seu homólogo, os EUA “estão totalmente empenhados em África” e na sua parceria com os angolanos e daí aproveitar mesmo o final do seu mandato para uma visita oficial prometida, adiada e agora concretizada. Biden aproveitou ainda para mencionar sem o dizer que o investimento e as parcerias com um país africano não são melhores com ditaduras ou autocracias, fazendo surgir nas cabeças de quem o ouvia, sobretudo, a China, mas também a Rússia, actores importantes em África. Por isso, afirmou, EUA e Angola vão discutir durante esta visita como podem “continuar a garantir que a democracia produz resultados para as pessoas”.

Para “consolidar a democracia” é preciso que as pessoas sintam que esta lhes traz vantagens, e para isso é preciso “ajudar a criar estes fortes laços entre nações, empresas e povos”, disse Biden. E sempre dentro do respeito mútuo: “Podemos pensar que, por sermos maiores e mais poderosos, somos mais inteligentes. Mas nós não temos todas as respostas, estamos preparados para ouvir as respostas, as necessidades que poderão ter, especialmente no que diz respeito ao financiamento da dívida externa.”

Mais um sinal de que o amigo americano está preparado para aliviar o fardo da dívida externa angolana, em que a China tem um peso substancial. Dorivaldo Teixeira, director-geral da Unidade de Gestão da Dívida



Joe Biden no Museu Nacional da Escravatura, em Luanda, e com o seu homólogo João Lourenço



Pública do Ministério das Finanças de Angola, escrevia em Março que 17 mil milhões dos 62 mil milhões de dólares da dívida governamental angolana são devidos à China.

João Lourenço, que falou em primeiro lugar, lembrou que a sua luta contra a corrupção tinha criado um “melhor ambiente de negócios” em Angola, o que, não sendo errado, é equívoco, porque, embora a Economist Intelligence Unit coloque o país entre os que mais irão melhorar neste aspecto nos próximos cinco anos, o certo é que Angola não deixará de

estar no lugar 78 entre os 82 países analisados.

Além disso, o Grupo de Acção Financeira Internacional (GAFI), o principal organismo internacional de avaliação das políticas de combate ao branqueamento de capitais acaba de pôr Angola na sua “Lista Cinzenta”, que junta os países que não estão a fazer o suficiente nesse domínio.

Para Jonuel Gonçalves, isto veio complicar a situação, porque “atinge o prestígio financeiro do país” e “cria desconfiança” para os investidores.

“É uma preocupação central do Ministério das Finanças há muito e com frequência Angola cai nisso, é inexplicável”, considera o investigador do Iscte/IUL e pesquisador associado do NEA/UFF (Brasil). “Agora, se estes investimentos no Corredor do Lobito funcionarem, já vai ajudar um pouco o sistema bancário angolano, que é muito fraco e vai ser colocado perante desafios, porque é muito provável que alguns bancos, sobretudo americanos, se venham a instalar” em Angola.

Lourenço já transmitira essa ideia na sua recente entrevista ao *New York Times*, ao dizer que a visita de Biden (a primeira a África do seu mandato e a primeira de um presidente norte-americano a Angola) é um “sinal de confiança”, uma forma de dizer aos investidores norte-americanos que podem ir para Angola “investir em várias áreas”.

Cooperação militar

Também por isso, ontem, em Luanda, dirigindo-se ao seu homólogo, Lourenço sublinhou: “Pretendemos trabalhar juntos na atracção do investimento directo americano para Angola, na abertura de oportunidades de comércio e de negócios de investidores angolanos no mercado americano.” Mas não se ficou pelos

investimentos, salientando que Luanda gostaria de “ver incrementada a cooperação no sector da defesa e segurança”, ter “acesso às escolas militares e academias militares” dos EUA, realizar mais “exercícios militares conjuntos”, participar em “programas de segurança marítima para a protecção do Golfo da Guiné e do Atlântico Sul”.

Um discurso em que só faltou ao Presidente angolano dizê-lo taxativamente, ao deixar mais do que subentendido que Angola pretende ser um aliado militar dos EUA no continente africano, sobretudo na África Austral e central. E, como tal, Lourenço falou em ter os norte-americanos a participar “no programa de reequipamento e modernização das Forças Armadas Angolanas”.

A questão militar terá de aguardar, para “negociar com quem estiver no poder” em Washington, como Lourenço respondeu na referida entrevista ao jornal norte-americano, quando questionado sobre se a relação entre os dois países sofrerá com a chegada de Donald Trump à Casa Branca. Agora era tempo de enumerar os muitos investimentos norte-americanos já existentes em Angola (além do Corredor do Lobito, que estará hoje no centro da agenda de Biden em Angola, o último dia da sua visita), a cooperação entre os dois países e lembrar que Luanda recebe em 2025 a Cimeira EUA-África.

“A questão de ter ou não ter receio de Donald Trump nem se coloca”, explica Jonuel Gonçalves, até porque os EUA querem “demonstrar que eles são mais capazes” do lado do mundo ocidental “em estabelecer boas relações com África, acima daquilo que os europeus fazem, sobretudo a França, que se tem desacreditado muito quanto à influência”. Algo que poderá ser um incentivo para que Trump preste, neste segundo mandato, mais atenção a um continente que praticamente ignorou no seu primeiro mandato.

O investigador lembra que Lourenço, quando chegou ao poder em 2017, definiu “os EUA como país prioritário em termos de parceria com Angola e claro que a diplomacia angolana deve continuar a manter um perfil alto no que diz respeito aos EUA”, não sem deixar de “rezar para que Trump não marginalize demais África”.